



UMA POÉTICA A PARTIR DO OLHAR DE MR. OCULUS

OCULUS, Mr. **EstrAbismo**. Maringá: Viseu, 2018.

Marica Letícia Gomes
Instituto Federal de Rondônia (IFRO)
E-mail: marcia.leticia@ifro.edu.br

Cabem novidades na poesia? É possível reinventar, para além de inventar, num livro de poemas? Estas são algumas das questões que acompanham a leitura do livro *estrAbismo*, assinado sob o pseudônimo de Mr. Oculus. É possível esconder-se atrás dos óculos ou destacar-se nas camadas que compõem suas lentes?

Falar sobre a poesia brasileira atual implica pensar uma poesia veiculada nos mais diferentes suportes. Nossos poetas, hoje, divulgam seus textos em redes sociais, em revistas *on line* criadas especificamente para divulgação artística, são ativos nos canais existentes e atentos a cada novo que vai surgindo, além da publicação clássica em livro.

Não é diferente com Mr. Oculus cuja biografia encontramos no site estrabismo.net¹ no qual ficam alojados os poemas de Ramon Carlos e Eduard Traste, cujas biografias também estão disponíveis ali. No livro, só conhecemos o pseudônimo sob o qual os dois poetas assinam – Mr. Oculus. Além disso, também publicam em revistas, a exemplo da Revista Subversa e da Revista Mallarmagens dentre outras que têm realizado este trabalho de publicar poetas jovens proporcionando trocas interessantes num terreno que já foi fechado.

Alguns dos poemas e contos disponíveis no site migraram para o formato livro de papel que também pode ser adquirido ali. A capa do livro, que remete aos clássicos exames de vista com sinais em diferentes tamanhos numa escala de 0,1 a 1,0, nos convida a abrir os olhos, ou seria mudar o foco? Ampliar o campo? Para

¹ www.estrabismo.net

penetrar os segredos do livro, a começar pelas preliminares que nos dão pistas e ao mesmo tempo nos confundem.

Ao lado de poemas curtos em que as palavras parecem dançar como aquele que abre o volume e é intitulado “poema” e que faz um convite que se soma ao convite da capa para organizar os olhos – ali, somos instados a iniciar esta viagem respirando poemas – há também os poemas que constituem verdadeiras narrativas, que possuem movimento e destaque aqui “Consciência apurada” que nos indaga a respeito do que é ser normal, do que é que queremos, do que é que perseguimos. Em menor número, apresentam-se também alguns contos.

Tudo isso envolto em desenhos originais com resquícios dos papéis cotidianos em que foram esboçados. É a total subversão da lista sem fim de que fazeres nas agendas. As linhas e horários tornam-se palco de casas, corpos, órgãos, olhos assustados. Dá pra pensar em melhor função para uma agenda do que esta? Em março, estávamos assustados.

Incomoda um pouco esta leitora os retratos das mulheres que desfilam nos poemas e contos, muitas delas objetificadas. Mr. Oculus é um homem hetero e carrega tudo que esta afirmação implica. Talvez, se isso não ficasse tão óbvio, alguns textos seriam muito mais interessantes. Não é possível que uma leitora se identifique com o que é contado ali. Destaco, ainda neste ponto, que o poema Crimideia não deveria ter integrado a coletânea. Defendemos a liberdade da arte, mas entendemos que os textos artísticos também funcionam como tecnologias de gênero², assim o respeito à mulher e o repúdio à violência estariam sobrepostos à inclusão do referido texto.

Vale destaque, ainda, algo que significa muito para esta leitora: aqueles versos para os quais voltamos, pensamos, pegamos o lápis, sublinhamos; os versos que ficam depois da leitura como em “Orgia de um homem só” cujo título já tem muito e nos traz: “Uma dose de intimidade compartilhada tem mais valor que uma garrafa de amor lacrada” (p. 76).

² LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. Trad. de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994, p. 206-242.

“Revivendo seus cabelos” (p. 102) traz o movimento que é característico dos poemas que compõem o livro e traz a magia do “reviver” para além do “viver”. E “Centrípeto” – o poema ao lado –, traz a tônica do projeto “porque encaixar minhas ideias em uma forma estabelecida?” (p. 103). Existe uma forma correta de escrever poemas na contemporaneidade? O que buscam os poetas jovens? Em que se inspiram para criar? É necessária inspiração? Por que as palavras em favor da forma e não o contrário? Aí temos uma preocupação, uma espécie de fio que liga os diferentes poemas do volume. Estamos diante de uma nova forma de fazer, comprometida com o fazer e não com o que se teoriza sobre ele.

Como já dito anteriormente, não apenas poemas, embora sejam maioria, compõem o volume, mas dividem lugar com contos, dentre os quais destaco “Passado envelhecido” em suas duas ocorrências (III e V) e a personagem Dóris que aparece “com toda nossa intimidade caindo dos bolsos” (p. 163). À narrativa curta não é negado o lirismo nas construções e, soma-se a isso, a inventividade dos enredos.

Transcrevo o poema “vastidão azul” (p. 186):

vastidão azul
um homem
entre mil outros
navios
sabe qual é o seu
navio quando conhece
o mar.

Mr. Oculus conhece o mar, sabe qual é o seu navio, sabe o que quer dizer e o que ocultar e, mesmo, como surpreender, chocar, aproximar-se, encantar com as palavras e é isso que faz com que estrAbismo fique no leitor para além da leitura se não apenas pelo encantamento, talvez pelo incômodo.